



A angústia de esperar pela volta à segurança

Brasileiros como Sara Ali Melhem não veem a hora de embarcar no voo de resgate. Jato que trará 220 pessoas aguarda em Lisboa

» JÚLIA PORTELA
» RENATO SOUZA

O barulho de bombas, mísseis e drones passaram a ser rotina para Sara Ali Melhem, desde a última semana. Filha de libaneses, a brasileira — que estava no sul do país e, agora, se encontra perto da capital, Beirute —, cuida de sua filha de três anos enquanto busca abrigo. “Ontem à noite, depois que terminou esse ataque do Irã, acho que eles (os israelenses) ficaram com raiva e vieram para cá. Descontaram aqui, porque Beirute não parou um minuto (de ser bombardeada). Era toda hora, em todo lugar”, relatou ao **Correio**.

Sara não está na lista de 220 brasileiros que serão resgatados pela Operação Raízes do Cedro, organizada pelo governo federal. “Ninguém falou nada comigo, mas vi notícias de que eles (os representantes diplomáticos brasileiros) começaram a falar com as famílias, que estão chamando para o voo de agora. Então, provavelmente, fiquei de fora — não sei”, lamenta. O voo rumo ao Líbano partiu



na madrugada de ontem, por volta de 1h, da Base Aérea do Galeão, no Rio de Janeiro. Primeiramente, o KC-30 destacado para o resgate dos brasileiros faz uma escala em Lisboa, onde pousou às 10h10 (horário de Brasília). A Força Aérea Brasileira (FAB) aguarda a autorização para iniciar a viagem rumo a Beirute.

Acompanhamento

O ministro da Defesa, José Múcio, interrompeu as férias para acompanhar a operação de repatriação de brasileiros no Líbano. Por enquanto, o governo federal mantém a orientação de que os brasileiros deixem o país árabe por

Arquivo pessoal



Sara (com a filha de três anos) está na expectativa de retornar ao Brasil

conta própria e que evitem o sul libanês, onde tem se concentrado os ataques israelenses.

O governo do presidente

Luiz Inácio Lula da Silva anunciou que a repatriação seguirá uma ordem de prioridade — mulheres, crianças e idosos

estão no topo da lista. Dos 21 mil brasileiros que vivem no Líbano, mais de 3 mil pediram repatriação.

A princípio, não está programado um novo voo para efetuar o resgate. Essa possibilidade, porém, não está afastada e a tendência é que se faça como no ano passado, quando eclodiu a guerra entre Israel e o grupo terrorista Hamas — seis voos foram realizados para trazer 1.135 brasileiros que estavam na Faixa de Gaza. O Ministério das Relações Exteriores (MRE) trabalha com a possibilidade de resgatar até 5 mil pessoas.

“Em um primeiro momento, deverão ser priorizados os residentes no Brasil, sem passagem aérea, tendo em vista a situação precária em que se encontram, sem redes de apoio no país”, diz comunicado da Embaixada em Beirute, enviado aos brasileiros.

Na semana passada, a representação diplomática solicitou aos brasileiros que quisessem deixar o Líbano o preenchimento de um formulário. Mas desde então não houve mais contatos com diversos brasileiros — como Sara — que aguardam a realização de mais um

voo para deixar o Líbano.

Não há previsão de quando a aeronave da FAB deixará Lisboa rumo a Beirute, mas a expectativa é de que o voo aconteça até o fim desta semana. O KC-30 deverá entrar no espaço aéreo libanês pelo norte, longe da zona de guerra entre o Hezbollah e Israel. A fronteira sul do país árabe está fechada desde segunda-feira. A rota de repatriação, porém, pode ser alterada (ou mesmo temporariamente suspensa) por questões de segurança.

O governo da Colômbia, por exemplo, enviou um avião para repatriar 144 colombianos no Líbano. O Canadá ajudou a reservar passagens nos voos comerciais que estão deixando o aeroporto de Beirute. A França anunciou que enviou um navio militar à costa do país por “precaução”, caso haja a necessidade de evacuação de seus nacionais. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), mais de um milhão de pessoas foram deslocadas desde que as hostilidades se intensificaram, em 23 de outubro.

» Leia mais nas páginas 13 e 16

Governo avalia trocar jato

» VICTOR CORREIA

A falha técnica ocorrida no avião que transportaria Luiz Inácio Lula da Silva de volta do México ao Brasil reabriu a discussão sobre a substituição da aeronave. As reclamações sobre a falta de autonomia e de espaço do Airbus A319 VC-1 usado pelo presidente da República se acumulam desde o ano passado, e o assunto vem sendo tratado em banho-maria por causa do custo — e das críticas que seriam feitas — para se adquirir um jato mais moderno.

Lula desembarcou ontem de manhã em Brasília, trazido pelo VC-2, um Embraer 190 — que acompanha a aeronave principal. O VC-1 teve de retornar à Cidade do México depois de um problema na turbina, ocorrido minutos depois da decolagem. O comandante do jato comunicou à torre uma “emergência controlada”, mas equipes de socorro ficaram a postos para qualquer eventualidade.

O presidente aguardará a avaliação sobre a ocorrência com o

VC-1 para, se for o caso, propor a compra ou a adaptação de outras aeronaves da Força Aérea Brasileira (FAB). O ministro da Defesa, José Múcio, interrompeu as férias nos Estados Unidos para acompanhar o resgate dos brasileiros no Líbano e, também, reunir-se com o presidente para tratar da eventual troca do avião presidencial.

A Defesa e a FAB têm um estudo para substituir o VC-1, cuja capacidade de transporte é de até 40 pessoas. No momento da pane, logo após decolar da Cidade do México, 15 pessoas estavam a bordo — além de Lula e da primeira-dama Janja, as senadoras Soraya Thronicke (Podemos-MS) e Teresa Leitão (PT-PE), e os ministros Mauro Vieira (Relações Exteriores), Cida Gonçalves (Mullheres), entre outros.

O VC-1 foi comprado em 2005 por US\$ 91,7 milhões, em valores atualizados. Além da substituição, há a possibilidade de a Presidência utilizar um dos dois Airbus A330 obtidos no governo Bolsonaro para a FAB.

Marcelo Casal Jr./ABR



O VC-1 foi comprado em 2005, no primeiro mandato de Lula, que há tempos reclama que falta autonomia e espaço ao jato — um Airbus A319 adaptado

QUESTÃO INDÍGENA

Gilmar: acordo no MS deve ser padrão de demarcação

O ministro do Supremo Tribunal Federal Gilmar Mendes defendeu, ontem, a reestruturação do modelo atual para demarcação de terras indígenas, a fim de resolver os conflitos fundiários. O decano do STF citou acordo de conciliação recente envolvendo a demarcação da Terra Indígena Nande Ru Marangatu, no Mato Grosso do Sul.

“Espero que o modelo do acordo de Mato Grosso do Sul possa resolver conflitos existentes no estado e em outras partes do Brasil. Podemos avançar na melhoria institucional do modelo existente para demarcação

para caminhar na resolução dos conflitos, porque o atual tem gerado paralisa”, salientou o ministro, na audiência da mesa de conciliação da Suprema Corte, que busca um acordo para demarcação de terras indígenas.

O acordo de conciliação firmado há uma semana prevê a retomada da área pela população indígena, com indenização aos proprietários rurais que nela se encontram. O acordo estabeleceu o ressarcimento, pela União, de R\$ 27,8 milhões dos proprietários da área (a título das benfeitorias realizadas) e de R\$ 101 milhões pela terra nua.



Espero que o modelo de Mato Grosso do Sul possa resolver conflitos. Podemos avançar no modelo para demarcação”

Ministro Gilmar Mendes, do STF

As pessoas que têm propriedades na Terra Indígena Nande Ru Marangatu devem dela se retirar em até 15 dias, quando a população indígena poderá ingressar na área. O acordo foi firmado com representantes dos

proprietários, lideranças indígenas, integrantes da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), da Advocacia-Geral da União (AGU), do Ministério dos Povos Indígenas e do governo do Estado de Mato Grosso do Sul.

Gilmar ressaltou que o conflito naquela área se estendia há 30 anos. O ministro citou, também, o apoio e engajamento do presidente Luiz Inácio Lula da Silva para que o acordo fosse firmado.

“Queremos uma convivência pacífica e avançar nos direitos indígenas e nos direitos da população circundante. Queremos que isso se faça em paz”, afirmou Gilmar.

A ideia da Suprema Corte é de que o acordo de Mato Grosso do Sul sirva como modelo para demarcação de outras terras indígenas, sobretudo aquelas que estão em áreas de conflito.

VIOLÊNCIA

Jovem do DF é morta com 15 tiros no PR

» ALINE GOUVEIA

Uma adolescente que morava em Samambaia e que, recentemente, se mudara para Maringá (PR), foi assassinada com 15 tiros por um homem encapuzado. O crime ocorreu no sábado passado e foi em plena luz do dia.

Segundo o delegado Diego Elias de Freitas, que investiga o assassinato, o inquérito apura se uma briga que a vítima teve com outras duas adolescentes, em 19 de setembro, pode ter

sido a razão do crime. Ele afirmou, ainda, que no celular da vítima foram encontradas mensagens que indicavam que ela estava sendo ameaçada.

A adolescente foi morta no momento em que embarcaria em um carro de aplicativo acompanhado do namorado. O atirador chegou em um outro veículo e disparou contra a jovem — o homem que a acompanhava conseguiu fugir e não foi atingido.

“Não há nenhum antecedente criminal que possa indicar uma outra motivação do crime. Então, realmente, foi uma execução. A investigação acredita que o assassinato esteja envolvido com a discussão que ela teve no colégio. A apuração da Delegacia de Homicídio segue nesse sentido”, frisou o delegado.